

COMECEMOS A JULGAR: É O INÍCIO DA LIBERTAÇÃO

Testemunho e síntese da Equipe
dos Colegiais

La Thuile, 8-10 de setembro de 2023

Não se ouvia nada. Parece que era por causa do vidro que protege a varanda que dá para o salão do Hotel Planibel de La Thuile, mas não. Mesmo mudando de lugar, não mudou nada. Mais de seiscentos jovens do ensino médio (acompanhados por alguns adultos ou professores) preencheram as fileiras de poltronas sem fazer o mínimo barulho, prontos para o começo da Equipe dos Colegiais. Normalmente há uma música para acompanhar a entrada. Um Beethoven, um Chopin... Desta vez não. Foram os últimos momentos de férias, e para todos, em poucos dias, seria a volta às aulas. E como aqui veio gente de toda a Itália (e não só) que havia semanas ou meses não se via, quantas coisas não deviam ter para conversar. Só que nada. Todos em silêncio. Aliás, todos à espera. Afinal, não podemos acostumar-nos ao fato de haver música na entrada, pois não é um acessório estético, para que possam também desfrutar dela, como foi explicado logo antes que as notas da Incompleta de Schubert enchessem o salão. Agora essas notas têm um sabor diferente, um som interessante, um rosto amigo.

“Tudo é dado e tudo é novo”, comentou Matteo Severgnini (Seve), professor que teve a tarefa de acompanhar os Colegiais neste fim de semana de início de setembro: “E o coração já está dominado por uma Presença”. Ele falou do seu coração, do meu, do dos jovens.

É uma vertigem que domina a todos. E o fato de não ser uma interpretação ou sugestão, dava para ler em dezenas de rostos, e seria sempre assim pelos dois dias seguintes. O que estava em jogo é muito valioso, e se entendeu desde logo. Não pode ser de outra forma quando se fala de feridas, desejos, afeto, vocação, ideal... A jovens de 14, 15, 16 anos com o coração cheio de exigências: de beleza, justiça, verdade, felicidade. De ser amados.

O passeio do sábado de manhã, o espetáculo das montanhas que olhamos em silêncio durante a subida, os cantos lá no alto, a Missa... Tudo, mais que fator de cansaço, virou trampolim para dezenas de mãos levantadas durante a assembleia da tarde com Davide Prospéri, que tinha vindo de Milão para encontrá-los. Os vários Pedros, Robertos, Madalenas e Caterinas se sucederam ao microfone e falaram

de sua vida: a relação com os pais, com os amigos, com o namorado ou a namorada, a escola, as experiências na sala de aula, mas não só... Davide e Seve responderam e devolveram perguntas. Palavra após palavra, foi ficando cada vez mais compreensível, ou melhor, mais degustável aquele gosto que Prospero mencionou ao falar da amizade: “Vemos quem são os amigos não só pela forma como ficamos bem juntos – esta é uma consequência –, mas por como muda a minha relação, meu juízo sobre a realidade”. A questão, então, é que o que nos permite aproveitar a vida se torne cada vez mais familiar, continuou Prospero, lembrando que isto é um dom que devemos pedir constantemente: “Só assim a gente começa a provar um gosto novo. Em tudo”.

Palavras que se tornaram carne à noite, com a proposição – em pequena escala, mas não com menos intensidade – do concerto dedicado a Adriana Mascagni no Meeting de Rimini poucos dias antes. E ainda mais na manhã seguinte, quando Francesco Fadigati, um professor, deixou todos pregados na cadeira ao contar sua história, que vocês encontrarão aqui. Seiscentos jovens ouvindo um homem que falou de sua vida na época em que era só um menino na escola; que falou do encontro com os Colegiais, da morte do pai, das amizades na faculdade e da decisão de ingressar nos Memores Domini. Todos na plateia ouviram comovidos: enquanto ele falava de si, dos pais, dos amigos, do amor, é deles que estava falando. As mesmas ansiedades, as mesmas feridas, os mesmos desejos. O mesmo Fato que mendiga o coração de todos. É a vida deles, toda deles.

Seve, tentando ordenar, na Síntese que encerra estas páginas, aquilo que todos viram acontecer em menos de quarenta e oito horas em La Thuile, leu um SMS enviado a um amigo por uma menina: “Esta felicidade é para sempre, eu a carrego no coração. Mal posso esperar para levá-la para casa, para contar tudo aos meus amigos. Quero que eles aproveitem tudo o que ouvi... Precisam ouvir o que meu coração quer gritar”.

Paolo Perego

TESTEMUNHO

Francesco Fadigati

Matteo Severgnini (Seve). Pedimos a Francesco Fadigati que nos contasse sua vida. Ouçamos atentamente, porque estamos entrando em algo sagrado, como é a vida de cada um de nós. Ele nos ajudará a aprofundar-nos no tema desta Equipe: “Começemos a julgar: é o início da libertação”. Francesco é professor de Letras no ensino médio e no ensino médio, diretor de uma escola em Bér-gamo e também escritor. Para mim, é um amigo vocacional. Um daqueles que você conta nos dedos das mãos. Não sei se você também tem amigos assim, aqueles de quem você diz: “Com eles, eu vou para o paraíso e jogo a partida e ganho”.

Francesco Fadigati. Vou tentar entregar-lhes minha vida no ponto mais amado, mais precioso. Neste caso, as palavras sempre parecem insuficientes para descrever a experiência, mas eu realmente tento. Gostaria de começar pelo que também aconteceu com vocês nestas horas, ou antes destas horas: meu primeiro encontro com esta amizade, com a realidade do Movimento. Eu tinha 14 anos, estava em Sanremo, onde nasci, e uma tarde meu irmão mais velho – com quem eu brigava, mas que eu respeitava – me convidou para um encontro com um tal Padre Pino de Bernardis. Eu não queria ir, tinha ensaio da minha banda, mas devido à estima pelo que via no meu irmão, eu fui. Isso diz muito sobre o que significa convidar, talvez até de forma desajeitada como ele fez comigo, alguém que aparentemente não quer saber. Porque naquela tarde, eu tive o encontro que mudou, determinou toda a minha vida. Agora, aos 42 anos, olho para aquele dia sabendo que tudo o que se desenvolveu – como amor, afeto, como intensidade de vida, como quedas e então perdão – nasceu ali. Numa hora específica.

Naquela tarde, sentei-me na penúltima fila, esperando que acabasse rápido, mas me vi colado ao rosto, aos gestos, à pessoa daquele homem. Não entendia bem o que dizia, mas tinha uma percepção

clara: este homem é verdadeiro, é certo, tem algo a ver com uma palavra que ninguém ousa realmente dizer, a palavra “felicidade”. Vi uma intensidade de olhar, ouvi palavras que não entendia, mas que sentia cheias de significado, cheias da promessa de vida que eu esperava. Tinha à minha frente o que agora reconheço como uma “presença”, alguém que em sua carne carrega um fato incontestável: há Alguém que fala na voz deste homem e que fala ao meu coração. No final daquela tarde, fiz-lhe a única pergunta que fazia sentido, a única que sabia fazer. Apertei sua mão, porque queria sentir como é a mão de um homem feliz, olhei-o no rosto e disse: “Escute, como posso vê-lo de novo?”

Descobri apenas muito tempo depois que eu, aos catorze anos, estava fazendo a mesma pergunta que 2 mil anos antes os dois primeiros apóstolos haviam feito a um homem fascinante que tinham visto e ouvido falar: “Onde você mora?”... Um mês depois, pedi ao meu irmão que me levasse a outro encontro com ele. E daí fui para as primeiras férias dos Colegiais, onde fiz uma descoberta extraordinária: não se tratava apenas de um homem excepcional, mas de uma companhia inteira. A mesma que me comoveu nestas horas com vocês. Uma companhia de rostos comuns, mas nos quais vivia Algo ou Alguém que inexplicavelmente me revelava o meu coração. E enquanto o revelava, já respondia. Eu estava absolutamente atordoado com essa descoberta: existe um lugar de pessoas da minha idade, cheias de limitações como todos, cheias de incertezas, mas com uma certeza: Aquele ou esse “algo” que vive entre nós. Quanto mais ficava com eles, mais crescia a pergunta: “O que torna vocês assim? O que torna nosso cantar, nosso estar juntos, assim?” Desde a primeira vez, recebi uma resposta que não entendia, mas aceitava: “Você sabe por que somos assim? Por que você sente essa excepcionalidade que fala ao seu coração e te torna você mesmo? Porque entre nós está Jesus Cristo. Aquele homem que viveu 2 mil anos atrás e ainda vive entre nós”. Eu não entendia. Mas entendem que não podia descartar essa resposta? Porque vinha do lugar mais envolvente e convincente que eu já tinha encontrado. Então eu o ouvia e, voltando para casa, até o repetia! Sentia que havia algo verdadeiro. Não entendia, mas queria ir e ver.

Em Sanremo havia um pequeno grupo de poucas pessoas, às vezes éramos dois, às vezes dez... O grupo mais numeroso estava em Chiavari, com Pe. Pino. Aos 15 anos, pegava o trem de bom grado, fazia três horas de viagem apenas para um almoço com eles, porque me nutria daquele “algo” que me fazia voltar para casa cheio do desejo de realmente viver. Enquanto caminhava para a escola, enumerava os rostos dos meus amigos e as palavras que tínhamos dito, as palavras desse “Dom Giussani”. Muitas vezes não as entendia, mas sentia que estavam cheias da capacidade de descrever minha vida. E então eu as mastigava, aprendia: *experiência, comparação com o coração, acontecimento*... Sentia que eram o trampolim para viver. Eram palavras cheias de rostos, cheias de uma presença.

Desde o início da minha história, senti o desejo de balbuciar esta notícia aos meus amigos: “Você sabe o que eu encontrei? Não um pensamento, mas uma companhia cheia de pensamento, cheia de pensamento verdadeiro, de pensamento verdadeiro sobre a vida, porque dominada pela verdade, pela verdade viva”. E assim eu tentava dizer aos membros da banda, que zombavam de mim, ao meu melhor amigo Jacopo, aos colegas de escola... eu os convidava, mesmo de forma desajeitada, e ouvia muitos ‘nãos’. Mas toda vez que eu tentava, vinha à tona todo o amor por esta companhia e por este nome desconhecido e já amado, Cristo. Os padres que foram para a América evangelizar nas florestas tinham o mesmo impulso de amor e missão que eu tinha aos quinze anos, que eu tentava dizer aos meus amigos: “O que procuramos existe! A resposta às nossas perguntas – às nossas perguntas mais vertiginosas – existe! Por isso podemos encará-las sem medo e com afeto”. Era já uma “missão”, porque toda vez que arriscava, entendia melhor esta certeza de amor.

Mas o valor do encontro tive que aprofundar alguns meses depois: poucos dias após o início do quarto ano do ginásio, meu pai, que trabalhava como agrimensor nas ferrovias, sofreu um acidente e quebrou os quadris. Mas há algum tempo seu corpo estava lutando – eu não sabia – contra um tumor grave, então ele ficou na cama por um ano e meio, sofrendo muito, e morreu quando eu estava no quinto ano. Durante aquele tempo, pude ver que o que eu tinha encontrado tinha a pretensão de resistir até mesmo

diante da morte. Era muito difícil para mim voltar da escola e ver meu pai frágil, vê-lo sofrer e ver-nos cansados e exaustos. Mas não consigo separar a memória desse período da amizade que experimentei. Mesmo entre adultos! Meus pais naquela época estavam fortalecendo seu relacionamento com o Movimento. E seus amigos vinham visitar-nos. Em particular, penso em Aldo, o mais tímido do grupo, que durante o almoço do trabalho vinha todos os dias à nossa casa para tomar café conosco e com meu pai por 20 minutos. Vi que esta companhia trazia consigo um amor que batia à porta da nossa casa: até um minuto antes, nós três irmãos estávamos lá brigando, minha mãe estava triste, cansada, meu pai se queixava de dor... mas quando Aldo entrava, todos voltávamos a ser humanos. Meu pai voltava a falar das coisas que o apaixonavam, minha mãe arrumava seus travesseiros com mais delicadeza e nós irmãos tentávamos nos comportar bem. Não para causar boa impressão, nem porque Aldo nos dissesse algo ou fosse particularmente “carismático”, mas porque ele trazia para casa o calor do carisma e da amizade de que vivia. Trazia para nossa casa todo o fôlego do Movimento, desta amizade dominada por Alguém que diz: “Eu estou contigo todos os dias”. Portanto, até mesmo diante do teu pai. Entrava uma presença, um amor.

Foi assim que a resposta que me deram desde o início começou a se tornar mais familiar para mim: Jesus tem a ver com este amigo que entra e toma café com você. Acredito que foi por essa lealdade, por esse amor que abraçou toda a minha família, que meu pai nos chamou ao seu quarto uma hora antes de morrer, nós três irmãos, um de cada vez. Para mim, ele deu o juízo educacional mais profundo e verdadeiro que já me foi dito: apertou minha mão, como eu tinha feito com aquele padre, olhou-me nos olhos como se faz entre homens e me disse duas coisas: “Você é capaz”, disse com um sorriso, sabendo muito bem que eu cometia erros a todo momento, mas como se dissesse “você é algo bom, e sua vida está se enchendo de algo bom”. Depois me disse: “Nos vemos”. E me disse com um sorriso. Um sorriso que não vinha de um esforço, mas de todo aquele amor que tínhamos recebido. Não entendi bem aquele adeus, mas garanto que o carreguei comigo, escrito no coração, como uma das

promessas mais verdadeiras. “Nos vemos”, ou seja, não fomos feitos para morrer, mas estamos na eternidade. Lembro-me no funeral, do seu caixão, e depois do momento em que entraram os amigos dos Colegiais, aquela parte da Igreja através da qual conheci Jesus. Quando os vi, senti que diante da morte do meu pai eu não estava sozinho, mas não porque havia alguém me abraçando ou me dando um tapinha nas costas. Não, aqueles amigos traziam consigo aquela promessa: “Você foi feito para a eternidade. A quem me seguir, darei a vida eterna e cem vezes mais aqui”. O cêntuplo aqui eu já estava começando a viver. Estou ansioso para entrar na vida eterna de forma definitiva. Vocês entendem o que significou estar diante do caixão do meu pai assim? Só por isso é que eu abraçava todos com um sorriso. E eu não era tolo, nem visionário. Tinha ali na minha frente, palpável em certos rostos, aquela promessa viva: a vida é para a eternidade, a vida é salva por Alguém.

Talvez a maior pretensão que essa companhia trouxe à minha vida é que ela não era apenas para alguns grandes momentos de beleza, nem apenas para enfrentar a dor, onde a própria natureza já parece te sustentar tirando energias de você. Essa companhia queria entrar no maior desafio que existe: o dia a dia. Todos estamos prontos para grandes feitos, mas o maior feito é viver e não ser subjugado pelo cotidiano. Eu queria que essa coisa bela fizesse parte da minha maneira de ir à escola, que não ficasse de fora e comesse a trituração... como a beleza que vi nesses dias, eu quero levar isso para a escola amanhã! E me lembro do momento em que percebi que estava entrando de forma poderosa. Terceiro ano do ensino médio, maio, minha escola tinha vista para o mar... quem prestava atenção às aulas? A professora de italiano estava explicando Petrarca, eu estava lá desenhando na mesa e ouço ela dizer, com um bocejo: “De qualquer forma, pessoal, no final Petrarca era tão deprimido quanto todos os autores cristãos”. De repente levantei a mão! Meus colegas pensaram, corretamente: “Fadigati deve estar querendo ir ao banheiro”, porque essa era a média da minha contribuição para a aula. Mas eu tive de fazer uma comparação imediata, dentro de mim, entre o que tinha ouvido e a experiência que estava entrando de forma poderosa e sugestiva na minha vida. Entre todas as pessoas que eu tinha en-

contrado, as mais vivas vinculavam sua beleza justamente ao fato de serem cristãs. A coisa mais intensa e menos deprimida que eu tinha encontrado era exatamente o cristianismo! Eu não sabia nada sobre Petrarca na época, conhecia pouco os autores cristãos, mas uma coisa eu sabia: deve haver pelo menos um autor cristão que não seja deprimido, um! Então eu disse: “Professora, acho que o que você disse não é verdade”. Meus colegas me olharam como se dissessem: “O que você está fazendo, é maio, estamos tentando sobreviver...” Mas ela, que era uma grande mulher, porque era leal, teve uma ideia brilhante do ponto de vista educacional. Ela me desafiou: “Ah, Fadigati, você diz isso? Te dou duas semanas. Se encontrar um autor cristão que não seja deprimido, dou-lhe uma boa nota”. “Aceito.” Imaginem meus amigos... Mas eu realmente queria descobrir como o que eu tinha encontrado, e que estava se revelando verdadeiro em tudo, era verdadeiro também lá! Essa foi minha primeira experiência de estudo. Porque estudar de verdade significa que você começa um diálogo com Dante, com Manzoni, com Vivaldi à luz de uma hipótese de sentido... Não podia fazer isso sozinho, então voltei para casa e comecei a ligar para o meu amigo Giorgio, professor de Filosofia, minha amiga Anna, grande leitora, minha prima que estudava filosofia, outro amigo para a música... Pedi conselhos a todos e com dois ou três do Raio começamos a estudar. Pessoal, que prazer! Foi a primeira vez que descobri que o estudo é um “*inter-esse*”, um “estar dentro” deste diálogo fascinante, onde Manzoni não é mais o texto chato que você tem que estudar para se sair bem, mas alguém que fala do amor entre Renzo e Lucia e pergunta: “E você, como vive o amor?” Pela primeira vez, notei que invejava como Dante e Beatriz se amavam, com aquela certeza, com aquela segurança... Depois de duas semanas, cheguei à aula com meu gravador de fitas na mão, três fotocópias desganhadas de pintores e alguns poemas e trechos que tinha lido. Tive minha primeira experiência como professor. Ainda hoje, o que tento fazer em sala de aula com meus alunos é participar junto deste “diálogo”. O diálogo entre meu coração despertado pelo encontro que tive e Dante, Leopardi, matemática... Comecei a estudar, a gostar da escola. Estava interessado nesse diálogo. O que é o estudo? Um amigo que te diz: “Jogue-se na comparação com tudo”.

Imagine se a vida finalmente se tornasse sua, finalmente, e o estudo não mais algo imposto, mas este diálogo onde você é o protagonista e Dante vira seu amigo. Vi que, despertando meu coração, tudo começava a falar comigo de uma forma mais verdadeira. E é assim ainda hoje. As contribuições dos meus alunos, como me mudam! Devido a essa companhia trazida no momento. Graças a este amigo, Jesus, a quem você pede: “Quero te ver também aqui na aula”, graças aos amigos que você carrega dentro de si.

Quanto mais eu ficava na companhia, mais via crescer o desejo de afeição, de amar e ser amado. Assim, nesse período, conheci uma garota por quem me apaixonei. Começamos a namorar. E no início há aquele momento muito puro, quase mágico, a curiosidade despertada pela surpresa que o outro é, o desejo de ouvir e ser ouvido, de se conhecer nos olhos do outro. Acredito que todos, realmente todos no mundo, desejam que os relacionamentos sempre sejam esse começo. Infelizmente, sempre acontece algo: os relacionamentos, cedo ou tarde, como que começam a se corromper. No lugar daquela curiosidade, toda cheia do mistério que a outra pessoa é, começa a trivialidade. No lugar do assombro, a posse. Uma instintividade que te torna raivoso, cheio de ciúmes, de ressentimento, coisas para fazer o outro pagar. Numa noite em particular – após um ano que estávamos juntos assim – saímos eu e ela, ainda me lembro do sentido de sufocamento que vivi. Por mais que pudéssemos nos abraçar, não podíamos remover uma última, muito pesada, estranheza. Estávamos distantes, embora colados, fundamentalmente tristes. E o pior é que tínhamos que mentir, para dizer que tudo estava bem. Mas que diferença quando, no verão seguinte, fomos juntos para as férias dos Colegiais, que foi a primeira para ela. Nunca esquecerei dois momentos: um no passeio. Eu e outros amigos tínhamos parado na encosta para ajudar os que passavam. Cantávamos e ajudávamos. Que impressão quando ela passou na fila, me olhou e sorriu. Que estima infinita. Que afeto cheio de respeito e amor vi nela e em mim. Ela entendia que o que eu estava fazendo era bonito e importante para todos, ela não via problema em eu dar a mão a outros e eu não via problema em ela falar com outros. Estávamos unidos diante da mesma beleza e desfrutávamos que o outro

também desfrutasse, segundo a amplitude de seu coração e a forma única de seu envolvimento. O segundo momento: Pe. Pino nos colocou, em silêncio, diante da beleza das Dolomitas. Eu não estava perto dela, via-a no fundo. Anos depois, encontrei a mesma cena no Paraíso de Dante. Eu a vi distante, mas diante da mesma beleza que enchia nossos corações. Depois nos dissemos: ambos estávamos vivendo a mesma maravilha, o mesmo assombro e silêncio. E nos sentimos tão livres, mas ainda ligados profundamente. Nós não sabíamos, mas aos 17 anos nesse passeio, fizemos a experiência de uma das maiores descobertas da minha vida: a virgindade, como Giussani a chama, como a Igreja indica. É o olhar que ama o outro, que compreende o outro, em sua relação com a Beleza, em seu relacionamento com o Destino, com a felicidade e o infinito a que está destinado. Juntos diante de Quem enche seu coração agora. Mas pense, amigo, nos momentos mais intensos dessas horas, que talvez esteja aqui a garota que te atraiu e ela está desfrutando da mesma coisa: quanto isso une vocês! Sem tocar-se, que proximidade! Para mim foi uma experiência iluminadora. Voltando daquelas férias, não podíamos mais contentar-nos. Errávamos, mas não podíamos mais contentar-nos. Tínhamos sentido o quanto pode ser verdadeiro amar-se com esse respeito, com essa delicadeza de paixão pelo outro. Que você possa ser feliz. Assim, pessoal, os relacionamentos duram. Assim, eles não cansam porque são constantemente um sinal daquele eterno que dura. E o outro é um dom.

Depois da primeira noite aqui, um jovem amigo meu disse: “Prof, agora me explique por que fez uma determinada escolha”. Ele sabe que faço parte dos *Memores Domini*, aqueles que vivem na memória desse encontro. Imaginem viver sempre com o afeto vivo do que encontramos nestas horas. *Memores*, aqueles que se lembram do Senhor, que domina nosso coração, tornando-o tão cheio agora. Por que faço parte desta maravilhosa companhia hoje? Quando cheguei à universidade, eu tinha apenas um problema, nem mesmo que trabalho eu faria, que notas eu tiraria... o único problema era: “Posso encontrar essa presença, esse olhar, esse homem fascinante?” Aos 19 anos, podia dizer com mais familiaridade o nome – que sempre me faz tremer – Jesus. Posso

encontrá-Lo aqui? O presente foi que, desde o primeiro dia, recebi uma resposta para esse desejo. Entrei na universidade e conheci os amigos de que Seve falou antes. Primeiro ele, e depois outros rostos específicos, Francesco, Stefano, Fabrizio, Mega... Eles vinham de Casale Cremasco, da Reggio Emilia, de Stagno Lombardo, de Imperia... e estavam lá com o mesmo desejo. Eles haviam encontrado aquela mesma companhia, o protagonista desta companhia, e foram conquistados. Tínhamos apenas o desejo de mergulhar no coração dessa vida que se chama Movimento. Começou uma amizade de outro mundo... pessoal, vocês já pensaram nisso? Poder dizer com certeza: este amigo é para sempre! Não como uma frase de um chocolate Baci Perugina, mas real, vivida. Depois de tantos anos, a amizade continuou a crescer, em profundidade, na beleza que vivemos, na maravilha pelo outro. O que significa uma “amizade vocacional”? Que nosso estar juntos foi, desde então até hoje, até mesmo no café da manhã de hoje, uma ajuda para estar diante de Quem nos tinha atraído um a um e estava tornando humana a nossa vida, intensa, num perdão contínuo. Isso não foi possível sozinhos, mas porque naturalmente seguimos juntos um adulto que para nós era fascinante. Fascinante porque toda a sua vida estava entrelaçada com esta Presença. Aliás, na sua vida aquele encontro tornou-se uma missão, aquele evento moldava sua figura, então não havia tempo a perder. A vida – dava para ver nele – tinha que ser gasta pela coisa mais verdadeira. Num amor ardente pelos outros e pelo mundo, que espera a mesma coisa. Foi natural segui-lo. Seu nome é Stefano Alberto, para os amigos “Padre Pino”. Para nós, ser amigos coincidiu com ir atrás este homem. Ele deve ter visto algo neste grupo de “desajeitados” e uma noite nos convocou para jantar, nós cinco, que acabamos morando juntos, mais um outro chamado Federico, e ele nos disse: “Não sejam esplêndidos solistas. Deem espaço, olhem para o protagonista de sua amizade, Cristo, e construam juntos o Reino de Deus”. Entendem o que é ouvir isso aos 18-19 anos? Você foi feito para construir o Reino de Deus, você é necessário. Como? Deixando espaço para o Protagonista da vida. E assim, pessoal, que vida explodiu em nossas mãos! Que paixão para estudar, ler jornais, falar de política, discutir, tentar julgar as

coisas que aconteciam na universidade... E então apaixonar-nos por Dante ao encontrar Franco Nembrini, fundar com ele a associação Centocanti, começar a levar a escrita a sério, transformar uma paixão numa missão que ainda dura hoje. E quanto mais vivíamos isso, mais crescia uma estranha nostalgia. Quanto mais essa intensidade aumentava, mais eu sentia urgência em beber da raiz daquela beleza. Eu lembro que depois de algumas noites, dias como estes, voltava para casa e tinha dificuldade em adormecer, porque na escuridão do quarto eu me perguntava: “Então... é você! Quem é você? Rosto fascinante, amigo fascinante, que desde os meus 14 anos tocou minha vida, continue a tocá-la enchendo-a de vida, da Sua vida”. Eu repetia o que um amigo meu me disse ontem, depois da assembleia: “Prof, então era Ele. Sempre foi Ele”. Em tudo o que vivi nestes anos, era Ele que chamava. Peguei-me dizendo “é você”, que é diferente. É a mesma coisa, mas é um tratamento familiar.

Após três anos de relacionamento com minha namorada, decidimos nos separar e verificar cada um seu próprio caminho. E este “Você” se tornou tão impressionante que, no segundo ano da faculdade, nasceu em mim um desejo que quase me deu vertigens: “Mas se é Você que, desde que te conheci aos 14 anos, enchia os olhos daquele homem (Pe. Pino), tornando-o tão vivo ainda agora; se é Você o estranho protagonista desta amizade quando cantamos; se é Você que faz o coração vibrar; se é Você que tornou vibrante, belo e virgem o relacionamento com a garota por quem estou apaixonado... Se é Você, eu gostaria de estar contigo sempre, a cada momento. Eu gostaria que a vida fosse Você. Gostaria de viver contigo, gostaria de viver por Você, aliás, mais ainda: eu gostaria de viver em Você”. É o que a Igreja nos faz dizer na missa: “Por Cristo, com Cristo, [mais ainda:] em Cristo”. No dia seguinte, entreguei isso ao amigo que sempre me impressionou pela audaciosa liberdade com que se jogava nos braços deste “Você”, que é Seve. No café da manhã, no bar Nord Est, olhei nos olhos dele e disse, meio tremendo: “Seve, olha, nem sei como dizer, mas me veio o desejo... Se entre nós, se o melhor entre nós, se o que nos torna livres, livres do medo, amantes da vida, é chamado Cristo, eu gostaria de viver sempre para Ele!” Eu disse isso tremendo e ele começou a rir! Um

riso lindo, celestial. Ele disse: “Caramba, Fra, mas faz alguns meses que eu vivo só para isso!” É por isso que somos tão amigos. É por isso que ele é um amigo tão grande.

Ao sairmos do bar, disse a ele algo que me lembra as palavras dos discípulos de Emaús: “Seve, algo aconteceu comigo. Acho que minha vida mudou neste café da manhã”. No dia seguinte, eu entreguei isso ao Pe. Pino, e ele não começou a rir, me disse: “Você vai descobrir que não é coincidência que esse desejo tenha nascido entre alguns amigos”.

No dia em que comecei a jornada para verificar aquela intuição, eu estava morrendo de medo, mas estava determinado porque sentia que envolvia toda a minha vida. Fui e me encontrei com Seve, Francesco, Fabrizio e outros... Sem um saber do outro. Pensem no que Deus faz. Tínhamos desenvolvido o mesmo desejo no mesmo período. Alguns meses depois, também chegaria o quinto membro do nosso apartamento de universitários. Pensei: “Isso é o Paraíso”. Porque o Paraíso é uma amizade que é paraíso. A amizade vocacional. Ele nos chamou desde que nascemos, com todos os fatos de nossa vida, nos procurou e nos levou até lá.

“Te amei com um amor eterno. Por isso tive piedade de teu nada” (cf. Jr 31,3). Ontem esse meu jovem amigo me disse: “Não posso mais me dar ao luxo de não ser feliz”. E acrescentou: “Sei que os cristãos também têm momentos de tristeza. Mas com o que encontramos, a tristeza já não vence”. É uma letícia, porque aquele “te amei com um amor eterno” se tornou um encontro, um rosto, uma amizade, um caminho. Um caminho onde o juízo continua a se tornar cada vez mais: “A Ti que me amas, digo sim, Te amo”. Acontece que você ama cada vez mais aquela Presença que te torna cada vez mais você mesmo, que te faz apaixonar pelos colegas, pelo professor, pelo que você estuda, pelo cotidiano... Insere uma diferença na vida que é perceptível. A vida se torna bela e a dor se torna humana, enfrentável. A amizade se torna eterna. E o outro que é chamado junto contigo, o outro que ainda não O conhece e que está apenas esperando para encontrá-Lo através de você, talvez em Praga, bem, o outro se torna seu irmão. Obrigado, desculpem.

SÍNTESE

Matteo Severgnini

Matteo Severgnini (Seve). Ouvindo seu testemunho, continuava a ecoar em meus ouvidos e coração: “A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”. Qual juízo mais verdadeiro que este alguém pode dizer? O afeto que principalmente sustenta toda a vida. Obrigado, Francesco.

1. Tua lembrança me enche de silêncio

Não podemos negar que nestas horas, nestes dias, aconteceu entre nós o fascínio de algo verdadeiro. Melhor, de uma Presença verdadeira. Desde a primeira noite: o silêncio que se impôs enquanto vocês entravam neste salão, a atenção, a tensão durante a introdução, a Missa. E ainda a beleza do passeio e dos cantos, a enxurrada de suas perguntas e experiências em assembleia, que expressam uma vida que explode dentro do coração, em qualquer circunstância que tenhamos de viver. A amizade de Davide Prospero, um amigo que nos acompanhou, mostrou-nos como a promessa de realização de nossa vida, no relacionamento com Jesus, pode cumprir-se numa dinâmica que torna a vida cada vez mais certa. E então o presente de ontem à noite, aquela explosão de criatividade nova que o encontro com Jesus faz expressar no canto de Adriana Mascagni. Esta manhã, uma humanidade conquistada até a medula pela novidade que continua a bater à porta do coração, o meu, o seu. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” O coração, minha e sua humanidade fascinada pela intuição do verdadeiro. Francesco disse várias vezes: “Algumas coisas eu não entendia, mas aceitava, porque vinham do lugar que estava conquistando centímetro por centímetro, milímetro por milímetro, meu coração”. Giussani diz: “O caminho do Senhor é simples, como o de João e André, de Simão e Filipe, que começaram a seguir Cristo: por curiosidade e desejo. Não há outro caminho, no fundo, além desta

curiosidade desejosa despertada pela intuição do verdadeiro” (L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Milão: Bur, 2014, p. 367). Algo verdadeiro aconteceu. Percebemos então que o bom Deus cuidou de nós a cada instante, bateu incessantemente à porta do nosso coração, provocando continuamente nossa liberdade, nosso desejo. Em uma palavra, provocando no fundo a nossa humanidade, o que eu sou. Sim, dialogou incessantemente com minha e sua humanidade, tomou a iniciativa com você, exatamente você. Então dá vontade de repetir, cheios de emoção, o que o Eremita Laurentius disse: “Então compreendi que toda a vida passaria no dar-me conta do que tinha me acontecido [o que aconteceu? o que aconteceu com você?], e a Tua palavra me encheu de silêncio”. Caso contrário, inexplicável: 640 pessoas que entram em silêncio.

2. Para que nossa alegria seja plena

Davide nos disse ontem: “Jesus poderia ter escolhido permanecer presente Ele mesmo, mas escolheu permanecer presente na comunhão, na unidade entre os Seus”. Estamos aqui juntos, certamente cada um por si mesmo, com sua própria pergunta, com seu próprio desejo, às vezes com sua própria tristeza e raiva ou incompreensão, mas juntos, em comunhão. Este é o método escolhido por Jesus; nós fomos amados, preferidos juntos, em comunhão, como Francesco nos contou esta manhã. O método que Deus escolheu é esta comunhão, esta unidade que se expressa num pertencimento. Você é meu! “O pertencimento não é o esforço de um estar juntos civil, não é o conforto de um amor normal, o pertencimento é ter os outros dentro de si” (Gaber). Giussani comentou: “Que sugestão nessas palavras de Giorgio Gaber! Num povo, o gênio sempre ilumina aspectos da existência, garantindo a todos e a cada um uma consciência mais madura das evidências e exigências elementares do coração”. Foi-nos perguntado ontem: “Que diversidade percebemos nesta companhia, nesta comunhão?” Não apenas a pergunta do coração nos une – caso contrário, todos estariam aqui – mas um encontro com um acontecimento presente que despertou o gosto por tudo, pelo todo, por uma totalidade de significado da realidade que se fez encontrável. Este significado tornou-se encontrável,

tornou-se amável, e ao tornar-se amável tornou tudo amável, tudo em mim, tudo na realidade. É por isso que podemos julgar tudo pessoalmente, comunitariamente e publicamente. *Homo sum, humani nihil a me alienum puto* (Terêncio, *Heautontimoroumenos*, v. 77). Nada do que é humano considero estranho. Do estudo em sala de aula, do que acontece ao meu redor, do terremoto que ocorreu ontem no Marrocos: mais de 2 mil vítimas. O que isso tem a ver? Da enchente que muitos de nossos amigos experimentaram, não sofreram, viveram. De um amigo que pede ajuda. Tudo é para mim, pode se tornar um caminho para minha conversão, porque estou bem assim para começar o caminho e neste amor poder me converter. Para me tornar cada vez mais mesclado, semelhante Àquele que me ama. Tudo é para mim, tudo pode se tornar um caminho para minha conversão. Levar a sério a pergunta que um de vocês nos fez ontem: “Quem sou eu?” E então “permanecei no Meu amor”, para que nossa alegria seja completa. Permanecer neste amor é permanecer nesta comunhão para que nossa alegria seja plena, para que a experiência do cêntuplo que nos foi prometida possa ser cumprida, dia após dia.

3. Julgar é o início da libertação

Ontem, um de vocês levantou a questão que toca toda a equipe: “O que significa julgar? De onde eu tiro os critérios?” “Quem quer tornar-se adulto sem ser enganado, alienado, escravo de outros, instrumentalizado, deve acostumar-se a comparar tudo com a experiência elementar.” Ouça o que Giussani diz: “O desafio mais audaz à mentalidade que nos domina e incide sobre nós em tudo – desde a vida do espírito até o vestuário – é tornar habitual em nós o juízo acerca de tudo, à luz das nossas evidências primeiras, e não à mercê de nossas reações ocasionais. [...] É preciso perfurar sempre tais imagens induzidas pelo clima cultural no qual estamos imersos, tomar nas mãos [perfurar, é um trabalho] as nossas exigências e evidências [notem bem que Giussani aqui é uma lâmina. Não apenas as necessidades, mas as evidências] originais [dadas, originais significa dadas] e, com base nelas, julgar e avaliar cada proposta, cada sugestão existencial” (L. Giussani, *O senso religioso*,

São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, pp. 27-28). Julgar significa comparar tudo com aquele conjunto de exigências e evidências que é meu coração, a experiência elementar, e tudo o que acontece e me é dito, tudo. Você dirá: “Tudo, tudo?” Tudo. “Caramba, mas às vezes, bem, não é que eu seja tão inteligente...” Não, não, não, não é uma questão de processo intelectual, é um processo de relação, Francesco já nos descreveu. Foi uma passagem contínua de relação em relação, tudo comparado com aquele conjunto de exigências e evidências que é meu coração, e o que a realidade coloca.

“Começemos a julgar: é o início da libertação.” Ontem, retomando o caso da enchente, também foi usada uma imagem que me impressionou muito, porque Giussani fala de um trabalho do coração, de uma ascese: a imagem da lama. Em certo ponto, são necessárias escavadeiras para remover essa lama que quase se tornou concreto. Essa lama que também se deposita em nosso coração. O que é a escavadeira para nós? É a educação que recebemos. E a educação que oferecemos é a educação desta amizade. Comparar tudo o que nos acontece com as exigências e evidências profundas do nosso coração, ou seja, com o tecido que Deus faz e tece a cada instante, que é meu coração. Na verdade, o julgamento se expressa como uma relação com a realidade e meu coração. Como eu vivo meu estudo, a relação com meu namorado? Você ouviu como Francesco falou sobre o relacionamento com sua namorada? Um juízo que o abria continuamente no conhecimento de si mesmo e no conhecimento dela. Uma liberdade, uma libertação. Como é que eu vivo a relação com minha doença, com minha raiva, com meus pais, com meus professores, com meus colegas, com minha mulher, com meu marido, com meus filhos?

4. O estilo da missão é o testemunho

Convocados, mandados, enviados. “De graça recebestes, de graça deveis dar.” É daqui que nasce toda a nossa responsabilidade. Gratuitamente recebemos, gratuitamente damos. Ainda tenho nos olhos e no coração o que nosso amigo de Praga nos contou ontem. Roberto disse: “Eu e outros dois estamos lá, no coração da Europa. Eu, com esse meu temperamento, junto com outros dois para tes-

temunhar de quem somos”. Nós, esta noite, não podemos ir para casa e deixar de pensar que o temos lá, e todos os outros, nossos amigos espanhóis, nossos amigos portugueses. Mas o coração de vocês não se expande? Assim como Roberto não pode voltar para Praga sem ter todos nós no coração. Ou o que Caterina nos contou sobre sua mãe, que disse: “Sacrifiquei minhas férias para ir ao Meeting de Rímíni com você”. E depois estava feliz. Mas ela precisava ver aquele lugar onde sua filha está florescendo, aquela sinfonia que sua filha está ouvindo, pela qual ela está florescendo e se põe a cantar para todos.

Ouçam o que uma amiga nossa escreveu, tem muito a ver com o que estamos dizendo: “É um fato que nos reacontece na nossa frente. Nossa amizade é nova a cada momento porque reacontece todos os dias na nossa frente [reacontece, não a inventamos, reacontece na nossa frente]. Muitas vezes podemos cair na armadilha de acreditar que novidade é sinônimo de diferença, mas a beleza impressionante é exatamente o oposto, ou seja, que a novidade é a repetição exata da mesma amizade entre os apóstolos e Cristo [como também disse Francisco antes]. Sou chamada hoje como eles foram chamados há 2 mil anos [não é um sentimento, disse Davide ontem, é um fato]. Por que e onde vejo essa provocação acontecer? Surge do meu compromisso com a vida, com a escola, com tudo. Percebo uma preferência e, em vez de objetar, eu me movo. E este processo de reconhecimento do dom que é minha vida [juízo, começa a comparação] se torna responsabilidade que é exercida nos lugares, nos estudos, no tempo, nos relacionamentos. Muitas vezes achamos que nós é que precisamos da companhia dos Colegiais e esquecemos que nós é que somos os Colegiais. Caso contrário, torna-se como uma entidade abstrata fora de mim da qual posso tirar algo. Em vez disso, não. Caramba! Os Colegiais sou eu. Eu preciso da companhia, mas a companhia também precisa de mim. Todos somos chamados como protagonistas, cada um como um apóstolo, e aqui estamos vivendo novamente aquela relação face a face com Cristo. Preciso de Deus, mas Deus, para agir na história e agir comigo, precisa de mim, precisa do meu sim. Então, meus desejos, minhas misérias em relação à realidade e ao meu próprio coração,

que é o instrumento original para captar no específico da realidade o sentido universal que a rege. Quero obedecer a esta promessa pedindo uma paciência que é um cuidado para o momento, porque desejo estar continuamente diante da excepcionalidade que acontece na nossa frente. E é por isso que existem amigos que nos tiram de nós mesmos e nos fazem olhar para fora de nós mesmos. Peço que esta companhia seja sempre uma companhia vocacionada, isto é, chamada, um a um, mas juntos”.

Um amigo que não está aqui me enviou uma mensagem de alguém que está aqui. Diz: “Esta felicidade é para sempre, eu a carrego no coração. Mal posso esperar para levá-la para casa, para contar tudo aos meus amigos. Quero que eles aproveitem tudo o que ouvi, porque são verdades enormes [o pressentimento do verdadeiro] e eles precisam saber, precisam ouvir o que meu coração quer gritar”. O testemunho, a missão. O que meu coração quer gritar: a verdade que encontrou, a verdade que se tornou amável, tornando tudo amável. E então quero concluir de forma circular com aquela citação do Papa Francisco que li para vocês no final da introdução, porque faz ainda mais sentido agora: “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária. Não fiquéis parados” (*Audiência a CL*, 15 de outubro de 2022).

Introdução Paolo Perego	2
<hr/>	
Testemunho Francesco Fadigati	4
<hr/>	
Síntese Matteo Severgnini	15

